

A CONTRIBUIÇÃO DAS IRMÃS BENEDITINAS NA EDUCAÇÃO DE OLINDA SÉCULOS XX E XXI

Alexandre Caetano da Silva*

Este trabalho trás como tema a participação das Irmãs Beneditinas na educação da sociedade olindense e um pouco da história da educação em Olinda como a participação dos Jesuítas, através do Seminário da Olinda mostrando como eles introduziram o primeiro curso Jurídico do Brasil paralelamente com o de São Paulo, e outras contribuições no campo da educação nessa sociedade. Aborda também em determinados momentos a contribuição em outros municípios pela ordem Beneditina, não só na educação como também em obras sociais assistencialistas no campo da saúde, na alimentação e na formação profissional de grupos em comunidades carentes.

Como essa ordem religiosa feminina chegou a Olinda, a princípio qual o objetivo dessas Irmãs na sociedade olindense, quantas vieram e como elas começaram as suas ações. Qual a importância do Colégio Academia Santa Gertrudes como ponto inicial de suas contribuições educacionais em Olinda, sendo o Colégio antes a Casa da Misericórdia onde essas Irmãs davam assistência de saúde à população local e dos arredores. Com o passar do tempo a Casa da Misericórdia se transfere para o Bairro de Santo Amaro na cidade do Recife, e a partir daí se intensifica os trabalhos na área da educação com o Colégio Academia Santa Gertrudes localizado ate hoje no alto da Sé em Olinda, próxima a ladeira da Misericórdia.

Procuramos mostrar todo o trabalho feito na construção da Academia Santa Gertrudes, enfatizando as dificuldades dessas Irmãs desde as questões financeiras como estruturais do prédio onde se encontra o Colégio até hoje 2012, mas em condições bem melhores. As Irmãs tinham que desempenhar todos os afazeres da instituição na sua formação como lavar roupas, pratos, pinturas do prédio, serviços de limpeza em geral a dar aulas.

No começo o Colégio foi organizado para os pobres e uma escola doméstica, contava inicialmente com oito alunas, elas aprendiam bordado, arte culinária, música e pintura.

A escola para os pobres que também funcionava ali sempre teve maior frequência, isso já em 1912. Ocorrendo no mesmo ano a formação da primeira turma do jardim da infância, ainda em 1912, teve início um Curso primário para meninas, que recebera o nome de Academia Santa Gertrudes.

Com o passar do tempo as Irmãs abriram um internato em 1917, sendo reconhecido em 1922. As Beneditinas não paravam de inovar e procurar expandir os graus de formação da instituição, fundando futuramente o antigo 2º Grau na forma da Lei, e, mas tarde o 3º Grau com a faculdade de ciências humanas de Olinda - FACHO.

Em relação a FACHO, o Tema enfatiza todo o processo de planejamento e de trabalho com laboriosos esforços para a construção dessa Faculdade, realizado pelas Irmãs Beneditinas, projeto esse que teve início com a idealização da Ir. Letícia de Queiroz Torreão e rapidamente teve apoio pela Priora da ordem, a Ir. Madre Lúcida Schmieder. A Faculdade foi criada a princípio no mesmo prédio que funciona ainda hoje o colégio Academia Santa Gertrudes, no alto da Sé na cidade de Olinda. Logo as Irmãs promoveram a formação de um cursinho pré-vestibular com 43 alunas e um aluno, no ano de 1972, a partir daí começa a trajetória das Beneditinas a

* Especialista em História. Professor da Graduação de História da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL. E-mail: alexandrecaetano11@yahoo.com.br

caminho da realização do projeto Universitário em Olinda. O primeiro passo já tinha sido dado que foi a ideia, agora era procurar orientações e ficar por dentro da documentação necessária para a legalização da futura instituição, e foi justamente isso que as Beneditinas fizeram, organizaram-se e partiram para as ações burocráticas, foi a Ir. Margarida Fahl que ficou com a tarefa mais árdua nesse processo. Teve a mesma a função de correspondência entre Olinda e Brasília, procurando a legalização da futura instituição que através de muito esforço consegue a sua regularização em janeiro de 1973, sendo o Decreto Presidencial promulgado em 16 de Janeiro do mesmo ano. Sendo assim as Beneditinas conseguem promover o vestibular e preencher as vagas criadas pela então agora regularizada, a Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO.

Falar da história da educação em Olinda é enfatizar uma das pioneiras práticas educacionais em Pernambuco e no Brasil, sendo essa voltada a princípio para o ensino religioso.

Segundo Nogueira (1985):

As atividades do colégio dos jesuítas em Pernambuco só vieram ter início em 1568, com a escola elementar, acrescentando-se dois anos mais tarde o curso de latim. Em 1576 na presença do Bispo D. Antônio Barreiros, 3º Bispo do Brasil (1576-1600), foi instalado um curso teologia moral, “em vista ao elevado número de clérigos” (NOGUEIRA, 1985:03).

Depois de muita insistência os jesuítas conseguiram fundar núcleo educacional em Olinda, após a morte de Duarte Coelho, então governador da capitania, tendo esse antes de sua morte feito uma doação da ermida Nossa Senhora da Graça com todas as terras a seu redor para que os jesuítas ali pudessem fundar um colégio e iniciar a catequização dos índios. O fato é que Duarte Coelho não estava nada satisfeito com o desempenho dos jesuítas na capitania no século XVI.

É muito clara a divergência política entre o governo de Olinda e o clero local para a iniciação do processo educacional na região, com a modificação mais tarde da estrutura política do Brasil, refiro-me a introdução do vice-reinado, sob a incumbência do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos das possessões portuguesas, incluindo Olinda é claro, culminando no fechamento do colégio jesuíta em Olinda e também em Recife.

De acordo com Nogueira (1985):

Esteve o colégio dos jesuítas abandonado até 1796, quando o prédio e todos os seus pertences foram doados, por ordem do príncipe regente D. João, ao Bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho 1742-1821, para nele funcionar o seminário episcopal de Nossa Senhora da Graça, solenemente instalado em 16 de fevereiro de 1800 (NOGUEIRA, 1985:04).

O fundador do Seminário de Olinda o Bispo Azeredo Coutinho fez nascer na época o melhor colégio de instrução secundária do Brasil, tendo o Bispo Azeredo uma visão educacional avançada com objetivo de programar disciplinas filosóficas aristotélica, fugindo ele de métodos ortodoxos orientados pela Igreja Católica da época.

Podemos tomar como base da educação da sociedade olindense, a estrutura do seminário de Olinda, estudando como referencial para uma desenvoltura posterior de outras ordens religiosas que contribuíram e ainda contribuem para com a educação do povo olindense, tomando como exemplo a ordem Beneditina, tanto com os padres Beneditinos, quanto das Irmãs Beneditinas, representados pelos colégios de São Bento e os da Academia Santa Gertrudes e a Imaculado Coração de Maria, todos localizados na cidade de Olinda. Salientando ainda a Faculdade de ciências humanas de Olinda a Facho.

Citar que um dos primeiros grandes momentos da educação olindense foi à implantação do primeiro curso jurídico do país, paralelamente com o de São Paulo, isso mostra claramente o trabalho feito com bastante insistência dos Beneditinos para o desenvolvimento da educação em Olinda. Ordem essa que conseguiu fazer um trabalho educacional em várias estâncias, desde a

educação infantil até o nível superior. É oportuno o objetivo da ordem, pois conseguiu definitivamente colocar Olinda no cenário da educação não só em Pernambuco mais também no Brasil. Não era de interesse da coroa portuguesa a princípio como metrópole investir em uma educação superior em Olinda, só alguns anos depois em 1827, finalmente o parlamento aprova a criação do curso jurídico em Olinda e outro em São Paulo como já foi citado, sendo a carta de lei respectiva sido referenciada em 11 de agosto de 1827, pelo Visconde de São Leopoldo do, José Feliciano Fernandes Pinheiro. Os próprios Beneditinos foram solicitados para que cedessem salas no seu espaço para o funcionamento do curso, de um arquivo e demais serviços que fossem requeridos. A ajuda foi dada mesmo sabendo os Beneditinos que Olinda transformando-se em uma cidade universitária, não voltaria a ser a mesma e a paz e o recolhimento do seu mosteiro seriam quebrados pela presença em suas dependências de uma juventude e de mestres não subordinado a disciplina da ordem.

A primeira turma que formou o primeiro curso jurídico em Olinda era formada por vinte e oito jovens, em Maio de 1828, eram oriundos Minas Gerais, da Bahia, do Rio de Janeiro, de Alagoas, do Ceará, do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul. Como de Luanda, no reino de Angola, e da Beira em Portugal, com diferentes comportamentos culturais mais com um único espírito, o acadêmico. A frente do corpo docente o diretor interino Dr. Lourenço José Ribeiro.

Sobre a instalação do primeiro curso jurídico em Olinda, introduziu grande transformação sociocultural na rotina da cidade, a ponto de o Barão de Penedo afirmar que Olinda se assemelhava a antiga Coimbra, de onde vieram muitos brasileiros de destaque na vida pública e nas letras, terminar o curso de direito. É óbvio que temos que levar em consideração a questão da comodidade que esses alunos passaram a ter devido a estarem na maioria das vezes próxima as suas famílias. Fizeram jornalismo político, discursos e demonstrações literárias. Comemoravam datas patrióticas com discursos ruidosos. Muitos desses estudantes praticavam roubos de carneiros gordos de sítios, de conventos ou de quintais de burgueses, para as grandes ceias, de carne assada com uma bela farofa.

Entre 1827 a 1854, os estudantes de direito dominaram a cidade de Olinda através da alegria, suas troças, seus discursos e jornais políticos. Eles trabalhavam entusiasmados textos de Platão, Sócrates e discutiam bastante o socialismo nos corredores da faculdade, é evidente que os debates na instituição giravam em torno outras áreas de discurso, não ficando eles presos só a ciência jurídica. Olinda foi realmente transformada em um burgo universitário semelhante ao de Coimbra, sem com tudo esquecer ao mesmo tempo sua dimensão eclesiástica, sempre refletindo sobre a sua importância religiosa na visão regional.

Já em 1854, o curso de Direito de Olinda foi transferido para o Recife, sob vários movimentos de oposição, foram vários os protestos realizados em Olinda contra a transferência da instituição para a cidade do Recife. Mas não teve jeito, por questões políticas a faculdade foi transferida para o Recife mesmo, em 1854.

Falar de educação em Olinda dentro de uma discussão inicial é resumir ao curso primário, com ensino de primeira a quarta série. Era esse curso, até certo ponto considerado fraco, pelas circunstâncias da época, na visão de Alysio Silveira Basto. Em 1960, o governo do estado implantou na cidade o curso de 2º grau, com criação do colégio estadual de Olinda e de outras instituições congêneres, passando a ministrar o ensino médio com o curso secundário. A situação do ensino melhorou a frequência, as aulas aumentaram, em fim, a educação cresceu em Olinda e outros colégios foram sendo criados, acentuando-se de uma forma bastante notável. Dessa forma apareceram unidades educacionais em Olinda de caráter privado com bastante intensidade. A juventude olindense, contudo, passou a deslocar-se para o Recife somente quando precisava frequentar uma faculdade, ou seja, o ensino de 3º grau. Mas em 1971, o Professor Inácio de Barros Melo, restaurou os cursos jurídicos de Olinda, os quais foram fundados em 11 de agosto de 1827, haviam sido transferidos para o Recife, criando a faculdade de direito de Olinda (atualmente chama-se Faculdade Barros Melo).

Nessa ocasião, já funcionava as faculdades de administração Dom vital e a de ciências humanas de Olinda, a FACHO, a qual se juntou a fundação de ensino superior de Olinda, a FUNESO, cuja criação deveu-se aos professores: Jameson Ferreira Lima, João Suassuna Sobrinho e Gerson Barbalho, além do então prefeito Ubyratam de Castro e Silva, o patrono da instituição.

Dessa forma a juventude olindense passou a ter condições de iniciar e concluir sua formação intelectual em sua cidade natal. Olinda, hoje 2012, tem um sistema educacional bastante conceituado à altura dos grandes centros do país. Com outras faculdades sendo fundados constantemente entre outros colégios também, juntando-se aos que já existem, colocando em destaque aqueles que ao tempo e as transformações sociais, como é o caso dos colégios Beneditinos.

Podemos definir a educação olindense na primeira metade do século XXI, como uma estrutura educacional bastante fortalecida no que se diz respeito ao privado em matéria de 3º grau, já não pode citar nesse mesmo contexto uma formação estrutural assistencialista com universidades públicas, Olinda não possui uma formação acadêmica pública, como consequência disso o fator político onde se predomina o capitalismo educacional.

Outra hora pode defender o fato de que Olinda ficou titulada como uma cidade dormitório em relação à cidade de Recife. Já no contexto do ensino secundarista é muito clara a ascensão de instituições particulares na sociedade olindense. Em relação à estrutura municipal de ensino, com referência ao público, encontramos uma deficiência em vários os segmentos (prédios depredados, baixos salários e falta de apoio político). Com todas essas dificuldades podemos salientar um processo de desenvolvimento no que se diz respeito à sociedade olindense, na questão educacional fazendo uma análise historiográfica.

É fato que as irmãs beneditinas já contribuíram com grande significância para a formação da espinha dorsal da estrutura da educação olindense, é importante para o registro dessa sociedade no que se refere a essa ordem religiosa, entender como essas irmãs de origem alemã vieram, quando chegaram os quantos chegaram e qual o objetivo delas ao chegar a Olinda, e quem as impulsionaram a vir.

As irmãs Beneditinas missionárias a convite do então líder religioso dos Beneditinos em Olinda, o abade do mosteiro de São Bento, Dom Gerardo Van Caloen, desembarcam no Recife no dia 21 de junho de 1903.

Medeiros, Diniz e Coelho (1983) ressaltam que “desembarcando na Recife, no dia 21 de junho de 1903, as irmãs tiveram logo de empregar, com despesas na alfândega, quase todo o dinheiro que traziam consigo. A bagagem, composta por quinze malas, subiu a ladeira da Misericórdia em carros de bois” (MEDEIROS, DINIZ; COELHO, 1983: 69).

As irmãs vieram com o objetivo a princípio ao Brasil de introduzir uma missão religiosa em Rio Branco na Amazônia, vieram em numero de oito, todas eram alemãs originaria de Tutzing, região da Bavária na Alemanha. Ficariam provisoriamente em Olinda de onde mais tarde viajariam para Rio Branco onde já foi citado, lugar esse que mais tarde chamaria Boa Vista deixando de ser localização da Amazônia e sim do recém-criado estado de Roraima.

É de grande importância frisar a atuação desde o início das irmãs Beneditinas, que foram ficando, ficando, a princípio com uma atuação de filantropia através da casa da Misericórdia onde hoje 2009, encontra-se o colégio da Academia Santa Gertrudes. Passaram elas por dificuldades absurdas desde a falta de água ate a falta de energia, sem deixar de levar em consideração a questão da estrutura local em tempo de chuva era lastimável a situação dos arredores do antigo casarão da Misericórdia, e dentro do próprio prédio com péssimo estado de conservação.

Medeiros, Diniz e Coelho (1983) completam dizendo que:

As Irmãs, assumindo as mais diversas tarefas, mesmo as que não lhes pareciam prioridades (confeção paramentos, consertos de sapatos, lavagem de roupas da igreja, trabalhos de cozinha...), elas fizeram no intuito de obter o próprio sustento e para ajudar as crianças órfãs, a quem se dedicavam desde o início no

orfanato que ficou sob os seus cuidados no mesmo casarão da Misericórdia (MEDEIROS, DINIZ; COELHO, 1983:71).

Fica bastante clara que as missões direcionadas pelas irmãs para o norte do Brasil ficam em segundo plano, passando desde já as Beneditinas a assumir um papel diretamente assistencialista, no que se diz respeito ao trabalho desenvolvido no campo social na sociedade olindense pelas irmãs. Esse trabalho social não ficou restrito a Santa casa da Misericórdia, as Beneditinas desenvolveram também um trabalho nas adjacências da Santa casa através dos anos. Em 1969, por exemplo, podemos destacar um belo trabalho desenvolvido na comunidade da ilha das cobras no Bairro de Rio Doce, que futuramente constrói um centro social com o nome de Mizaél Montenegro Filho, homenageado por questões de benfeitura em pró a doações para a construção do centro social.

Podemos também exalta a atuação das irmãs na organização desse centro social, onde era trabalhada uma assistência odontológica, entre outras atividades ligadas a saúde. É bom destacar ainda o belo trabalho de alfabetização feito no local, o trabalho de catequização é lógico era esquecido, pelo contrario era feito com bastante frequência. Outras obras de assistência sociais foram desenvolvidas pelas irmãs Beneditinas, entre elas podemos citar as das comunidades da Beira Rio e Praia Verde em Olinda e Tururu no Janga. Essas obras sociais trabalhadas pelas irmãs Beneditinas citadas, não estão em atividades mais, isso é fato devido à falta de incentivo que elas não tiveram. Mais o assistencialismo religioso não deixou de acontecer, como exemplo pode citar o trabalho religioso realizado na recém-fundada vila de Ouro Preto em Olinda, em 1968, sob a solicitação do abade do mosteiro de São Bento, Dom Basílio Penido.

Medeiros, Diniz e Coelho (1983) dizem que:

O trabalho começou com visitas domiciliares aos moradores da vila, em agosto de 1969. O serviço social Agamenom Magalhães (antigo serviço social contra o mocambo) doou um terreno à comunidade católica, sob a condição de, no prazo de dois anos, ser aí construído um centro social, condição que foi aceita pela associação instrutora missionária (A.I. M), a população da vila foi mobilizada, a fim de adquirir os meios necessários para a construção (MEDEIROS, DINIZ; COELHO, 1983:85).

Esse trabalho foi realizado com bastante eficiência pelas irmãs passando elas a destacar as promoções humanitárias dentro de um contexto religioso no local. Com o passar do tempo essa obra por motivos diversos passou a ser realizada arquidiocese, sendo confiada aos padres irlandeses.

Depois de Olinda podemos identificar um desenvolvimento missionário feito pelas irmãs, em outras localidades, como Caruaru no agreste do estado de Pernambuco, em Porteiras e em Lavras da Mangabeira no Ceará em Riacho das Almas região que pertencia a Caruaru e também Barba lha no Ceará. É importante destacar que esses trabalhos foram desenvolvidos inicialmente no final da década de 60 e teve seu auge na década de 70, valendo lembrar que não mais existem hoje 2009.

As irmãs Beneditinas fizeram um excelente trabalho no campo de catequizar.

Medeiros, Diniz e Coelho (1983) ressaltam que desde 1975, por solicitação da arquidiocese de Olinda e Recife, a irmã Visitation OSB vem na AEC (Associação das escolas Católicas), exercendo aí uma atividade de caráter multiplicador.

Como cita o trecho do livro acima, foi louvável o trabalho feito no sentido de catequização feita pelas irmãs Beneditinas com o aval da arquidiocese de Olinda e Recife, essa ação religiosa dentro dos bairros de Olinda em especial, onde podemos notar o fator educacional, em que as irmãs puderam desenvolver através das escolas, com a introdução da disciplina de religião no ensino escolar.

Há na história de Educação em Pernambuco, um espaço muito amplo ocupado pela influência das Irmãs Beneditinas da Academia Santa Gertrudes, de Olinda, em Pernambuco.

A influência exercida por aquelas irmãs no cenário educacional do Estado – e, mesmo na região Norte e Nordeste – pode ser observada, tanto no desenvolvimento mesmo da obra missionária e educativa empreendida pela Congregação desde 1903, ¹ como através da presença atuante de muitas gerações de ex-alunas beneditinas em todos os segmentos da sociedade, particularmente, da Educação.

Até agora, porém, ainda não se aprofundaram estudos destinados a analisar o papel desempenhado pelas irmãs beneditinas no contexto educacional de Pernambuco. Tal estudo há de, necessariamente, tomar como ponto de partida a Academia Santa Gertrudes, ² não só por ser aquele o primeiro estabelecimento de ensino regular por elas fundado no Brasil, como, também por ser ali o centro da vida da Congregação na Região, com Priorado, Noviciado e o maior grupo de Irmãs, dentre todas as casas espalhadas pela Região.

A instituição que as beneditinas desenvolveram na Academia resultou em um topo peculiar de educação, cujo produto se mostrou, ao longo do tempo, muito mais abrangente do que sólido ensino curricular, extracurricular e religioso a que se propunham aquelas Irmãs, no seu projeto missionário.

Este artigo procura resgatar o que, de peculiar, existia no processo educacional daquele colégio a partir de uma reinterpretação dos fatos e usos que descrevem o *modus vivendi* e o conjunto dos valores impregnados no seu cotidiano, particularmente na primeira metade do século.

Tal reinterpretação sugere que cinco são os aspectos fundamentais para a compreensão da cultura da Academia, a saber: o tipo de estabelecimento de ensino representado pela Academia; o perfil sociocultural das Irmãs que vieram da Alemanha; o abramileiramento de certos hábitos germânicos no cotidiano do colégio; o tipo de família que constituía a clientela da Academia e, permeando toda a vida do colégio, a influência da Regra de São Bento, observada pelos monges e Congregações beneditinas, de um modo geral.

O perfil sócio cultural, que pode inferir, das Irmãs alemãs que vieram para a Academia tem como substrato a sua origem geográfica: a Baviera, um dos redutos da minoria católica alemã, berço de grandes cidades, tais como Monique, Nuremberg, Frankfurt, Hannover e Bremen, entre outros, a sede de tradicionais universidades e instituições culturais.

A julgar pela baixa média etária das Irmãs que aqui chegavam³ e considerando o momento sócio econômico áureo da Europa, no período imediatamente anterior a I Guerra Mundial, pode-se presumir que elas eram típicas jovens urbanas, filhas de famílias abastadas e com um alto nível de educação formal, visto que, na Alemanha o ensino feminino desenvolveu-se paralelamente ao masculino (Realschulen e Oberrealshulen), embora em meio a controvérsias quanto à conciliação entre o interesse da alta cultura feminina e o papel inato da mulher na família e na sociedade.

Já as que vieram na década de vinte, e depois, um grupo significativamente maior do que aqueles das duas primeiras décadas, a que se pode atribuir a maior influência no processo educacional da Academia, vieram do contexto de reconstrução e renovação que dominou não só a Alemanha, mas todo o mundo no primeiro pós-guerra.

¹ Consideradas: a idade usual de ingresso na Congregação e o tempo médio de duração de cada etapa da vida religiosa beneditina e possível estimar uma média etária abaixo dos vinte e cinco anos para as Irmãs que aqui chegaram antes da Profissão Perpétua.

² A Academia Santa Gertrudes iniciou suas atividades no ano de 1912, com um curso primário para meninas e um Jardim da Infância. Nos oito anos decorridos entre a chegada das primeiras Irmãs e a fundação da Academia, ocuparam-se elas de tarefas que lhes assegurassem a sobrevivência e iniciaram os trabalhos de catequese e manutenção do Instituto São José, orfanato anteriormente mantido pelos beneditinos de Olinda.

³ Consideradas: a idade usual de ingresso na Congregação e o tempo médio de duração de cada etapa da vida religiosa beneditina e possível estimar uma média etária abaixo dos vinte e cinco anos para as Irmãs que aqui chegaram antes da Profissão Perpétua.

Aparentemente, a influência maior do perfil sócio cultural das Irmãs alemãs que vieram para a Academia se traduz na percepção do ser mulher que perpassava toda a vida escolar da Academia: a mulher guardiã dos valores morais e religiosos e a mulher apta a assumir o seu lugar na sociedade, sem se afastar do seu *ethos* de mulher. Havia uma preocupação explícita com a formação das alunas para enfrentar os “perigos do mundo” como pessoas cristãs. Mas, aparentemente, não se interiorizava uma relação entre a práxis do colégio e a futura experiência de mulher-esposa-mãe, que estava na expectativa da maioria das alunas.

Entretanto, eram muitos os condicionamentos que a Academia exercia para a formação de um tipo peculiar de mulher, o que viria a se refletir na forma de vida adulta das alunas que permaneciam solteiras, tanto quanto das casadas; das mães de família, tanto quanto das que se engajavam em atividades profissionais. Tais condicionamentos eram fortemente influenciados pelas idealizações alemãs da mulher: a mulher forte, competente, eficiente, consciente dos seus deveres e responsabilidades e ao mesmo tempo guardiã dos valores morais no cotidiano do lar.

Um primeiro traço característico a educação feminina na Academia era o apurado cuidado com a aparência pessoal; uma área de certo modo conflitante porque, louvável até o ponto em que se constituía como dever, podia deslizar facilmente ao território do pecado, se assumisse o tom da vaidade.

A aparência pessoal era um valor do cotidiano. Não havia, nos primórdios, em nenhum momento, para o internato, qualquer intenção de apresentar o colégio como um lar, ou como uma continuação do lar; o colégio era um local onde se estava em função de um objetivo. Ali se estava *a serviço*. Tal postura somava-se à formalidade alemã, impedindo que se instalasse o jeito brasileiro de estar em casa: de chinelos, “vestidos de casa”, com certo desleixo representando a descontração do lazer.

Aparentemente, a clausura também não comportava a percepção de lar e de lazer, havia por parte das irmãs a constante atitude de quem está a serviço.

Tal atitude *de serviço* parece decorrer, em parte, da valorização do trabalho preceituada na Regra de São Bento, mas parece também refletir um *ethos* mais remoto como o sugere Gilberto Freyre (1971):

Pois o Norte da Europa era uma região de clima frio e de europeus todos brancos, em grande parte dólico-louros em grande parte protestantes, isto é, dominados por uma ética glorificadora do trabalho e do tempo dedicado quase religiosamente ao trabalho, que a Revolução Industrial dinamiza numa área de população ativa, sempre em movimento, trabalhando e produzindo de acordo com o tempo cronométrico (FREYRE, 1971:75).

A aparência pessoal das irmãs era sempre impecável; o *hábito* que usavam – na época o mesmo que as beneditinas usavam na Alemanha, sem qualquer concessão ao clima trópico – era rigorosamente cuidado, tanto nos linhos engomados do capuz branco que usavam sob o véu preto, como nas pesadas vestes de lã, que usavam em todas as horas do dia. O mesmo apuro era exigido das internas, que usavam saias de lã pregueadas, blusas de mangas compridas e meias, compridas, para as mocinhas.

Aos cuidados com a aparência somavam-se, com igual disciplina, os cuidados com o próprio corpo, os quais segundo depoimento de ex-alunas idosas, era até avançados para a época: o banho era diário, por exemplo, ao contrário de outros colégios em que a frequência do banho para as alunas seguia o padrão europeu... Do mesmo modo, na Academia houve sempre banheiros individuais para as alunas e não se usavam camisas de banho, exigidas em outros estabelecimentos. O tempo do banho era controlado por uma mestra, que determinava o fluxo à água para todos os chuveiros individuais. O ritual do banho se completava com a colocação da toalha, pelo direito, nos varais, cabelos cuidadosamente penteados, botões e fivelas atacados e objetos de uso pessoal colocados nos seus lugares.

A higiene pessoal matinal e a noturna restringiam-se à escovação dos dentes e lavagem do rosto, feitos de acordo com um ritual pré-estabelecido, em uma bacia de ágata e com água de um jarro também de ágata, colocado em um pequeno móvel de cabeceira. Não era hábito a escovação de dentes após das refeições.

Uma vez por semana, no horário pré-estabelecido, era a vez dos cuidados com as unhas das mãos e dos pés, que podiam ser brunidas, mas em nenhuma hipótese, pintadas.

No sábado à tarde, após uma manhã de aulas regulares, as internas faziam a completa faxina nos seus pertences: limpar e engraxar sapatos, sem se sujar; arrumar a sua *roupa branca* no minúsculo armário que lhe servia de criado-mudo; colocar a saia pregueada sob o lençol da cama, fazendo prega por prega, ao dormir, vincá-las com o próprio movimento do corpo.

Era, ainda, a ocasião para refazer costuras desfeitas, pregar botões, cerzir meias e de aprender o gosto do bem feito, do irrepreensível e do trabalho que se conclui.

Delineavam-se, assim, não apenas os valores da boa aparência, mas, a disciplina, a ordem, a organização, a fidelidade aos deveres rotineiros do cotidiano e a economia, no sentido da conservação dos objetos através do adequado cuidado.

Outro aspecto da educação para o ser mulher era a tarefa de servir à mesa, confiada às internas. As refeições eram trazidas da cozinha à copa em grandes painéis fumegantes; ali a comida era posta em pratos de louça, os quais eram lavados pelas internas e servidos em cada mesa. O rodízio do servir era feito entre as alunas maiores.

O servir à mesa não deve ser interpretado com a imposição de um serviço subalterno às internas, mas sim como uma extensão simultânea da cultura alemã e europeia, de um modo geral, no que se refere à vida em família e, também da Regra de São Bento, que atribui ao servir à mesa um papel muito importante na prática das virtudes da Caridade e da Humildade.

No cotidiano da Academia somavam-se as sutilezas que deviam fazer parte do repertório da “boa menina”, e da “moça direita”: a polidez, traduzida pelo respeito aos mais velhos e a cortesia em todos os aspectos da convivência, cumprimentar, agradecer, despedir-se, desculpar-se, ceder o lugar, abrir a porta para outrem etc. pelos modos comedidos: não andar arrastando os pés, nem fazer barulho com os sapatos, sentar e levantar sem fazer barulho desnecessário com a cadeira, ou mesa, abrir e fechar portas sem batê-las e ainda, a atenção às normas gerais de educação doméstica.

Outro aspecto era o valor estético das pequenas coisas do dia-a-dia: as almofadas colocadas nas cadeiras, e não largadas ali de qualquer modo; o paninho imaculadamente limpo, e, com algum toque de decoração, cobrindo bandejas bem polidas; era o arranjo cuidadoso dos jarros que se colocavam sobre a mesa da mestra para celebrar-lhe o aniversário ou o onomástico; era o respeito à limpeza e à ordem do ambiente.

Tais valores, de tão introjetados, eram praticados, mesmo sem a vigilância das Irmãs e não eram bem vistas, pelas colegas, as alunas recalcitrantes, não eram comum que se danificassem os móveis do colégio, nem se riscassem paredes; não se estragavam as toalhas, nem cortinas, nem se faziam desenhos e inscrições nas portas que, em alguns prédios, eram pintadas de cores claras.

É bastante claro que o início da educação na sociedade olindense é feita pelos Jesuítas logo após a morte de Duarte Coelho então governador da Capitania na época. A introdução do sistema de vice-reinado no Brasil sob a tutela do Marques de Pombal faz esse, expulsar os jesuítas, alegando o mesmo que essa ordem religiosa trazia atraso para o Brasil com seus métodos educacionais influenciando na questão financeira. Sendo assim mais tarde, o Bispo Azeredo Coutinho, o fundador do primeiro Seminário de Olinda e do Brasil, dando início aos trabalhos na área de educação nessa sociedade. Anos mais tarde a Olinda foi palco também da fundação do primeiro curso jurídico do Brasil, junto com o de São Paulo. É evidente que a criação do primeiro curso superior em Olinda teve claramente a participação da elite local formada principalmente pelos senhores de engenho. Não tendo, mas esses latifundiários da cana-de-açúcar a necessidade de mandar seus filhos para um eventual curso jurídico na Europa, tendo agora na cidade em que mora um mesmo curso, beneficiando-se na diminuição de custos. Passando Olinda a ser uma

cidade universitária com uma forte mudança na questão sociocultural na rotina da mesma, provocada pela vinda de pessoas proveniente de vários lugares da Brasil. Impulsionaram também o aparecimento de jornais político e de algumas troças alegrando a cidade. Se empolgando esses estudantes às vezes com discursos de filósofos clássicos como Platão e Sócrates. Olinda se transformou ainda mais em uma sociedade de referência na questão religiosa e educacional, antes com o Seminário e a partir dessa época Século XIX, com a criação de uma Faculdade. Tendo Olinda hoje no Século XXI, um complexo educacional bastante amplo, faltando à participação de uma universidade pública na cidade pioneira da educação pernambucana.

É fato notável a participação determinante das Beneditinas na contribuição da construção da educação na da sociedade olindense, com as suas obras de incentivos formando uma rede de instituição na área da educação. Sendo o início com a Academia Santa Gertrudes, procurando sempre o aprimoramento e a elevação da instituição aos pilares mais elevados da esfera educacional. Escrever sobre as Beneditinas é não só enfatizar o papel dessa ordem na questão educacional, mas também em outras áreas sociais como projetos assistencialistas em comunidades carentes nas redondezas do Sítio histórico. Vindo essas Irmãs, da Alemanha, a princípio com a finalidade de uma missão religiosa em Boa Vista Roraima antigo Amazonas, estando de passagem por Olinda. Essas Irmãs foram ficando, ficando com obras de filantropia na Casa da Misericórdia onde hoje 2009, encontram-se o colégio da Academia Santa Gertrudes da ordem Beneditina, passando essas Irmãs por grandes dificuldades com relação à estrutura do prédio que se encontrava em péssimas condições de conservação. A missão direcionada pelas Irmãs para o norte do Brasil vai ficando em segundo plano com a empolgação das mesmas com os projetos na sociedade olindense, outros projetos foram sendo criados como no Bairro de Rio Doce e outras comunidades como a da Beira Rio e a de Praia Verde em Olinda e a do Tururu no bairro do Janga na cidade do Paulista. Muitas dessas obras sociais não estão em atividades mais hoje 2009. Eram trabalhos ligados a saúde, a alfabetização e principalmente a catequização com bastante dedicação e paixão. Esses trabalhos foram iniciados no final da década de 1970, tendo seu auge na década de 1960. Com bastante desempenho continuaram na área de ensino, como já foi citada, a Academia Santa Gertrudes, sendo essa instituição a princípio voltada só para mulheres, com o passar dos anos foram se adaptando para o recebimento de alunos homens. A Academia Santa Gertrudes foi à pioneira dos colégios da ordem Beneditina em Olinda, logo depois fundaram outros colégios como a Imaculada Conceição também em Olinda e a Nossa Senhora Conceição em Recife.

Depois do ensino secundário era a vês de procurar outro desafio dentro da educação, o ensino superior. A Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), fundada em 1973, depois de uma longa batalha burocrática em Brasília trilhada por algumas Irmãs Beneditinas. Podendo ser citada como exemplo a Irmã Verônica Nordstein, que foi uma das precursoras do projeto. Inicialmente a FACHO conseguiu a provar em Brasília os cursos de Pedagogia com habilitação em Magistério das disciplinas pedagógicas em nível de 2ª grau, Orientação educacional; Educação de excepcionais (deficientes auditivos) e administração escolar. Curso de Letras com habilitação em Português-Inglês e Português-Frances e o curso de Psicologia (licenciatura). Foram oferecidas a princípio 300 vagas: 120 para Pedagogia, 120 para Psicologia e 60 para Letras. Tendo esses cursos uma grande aula inaugural, pelo Professor Barreto Guimarães em 13 de março de 1973.

A FACHO em seu início teve suas instalações no prédio do colégio Academia Santa Gertrudes, sendo esse da mesma ordem, ficando naquele local até o dia 16 de janeiro de 1991, quando a sua sede foi transferida ao novo prédio na PE-15, no bairro de Ouro Preto Olinda, onde hoje 2009, oferecem também cursos de Pós-Graduação.

REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto. Nós e a Europa Germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. Rio de Janeiro, Grifo/Instituto Nacional do Livro, 1971.

MEDEIROS, José; DINIZ, Ir. Maria de Lurdes, COELHO, Germano. Facho Patrimônio Cultural de Olinda, Olinda patrimônio cultural da humanidade. Olinda: FACHO, 1983.

NOGUEIRA, Mons Severino. O Seminário de Olinda e seu fundador o Bispo Azeredo Coutinho. Recife: Fundarpe, 1985.